



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**WIVIANNY RODRIGUES DOS SANTOS**

**PANDORA E MEDUSA: A DESIGUALDADE DE GÊNERO E A PUNIÇÃO POR  
SER MULHER.**

**GUARABIRA- PB  
2023**

WIVIANNY RODRIGUES DOS SANTOS

**PANDORA E MEDUSA: A DESIGUALDADE DE GÊNERO E A PUNIÇÃO POR  
SER MULHER.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

**Área de concentração:** História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

**Orientador:** Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

**GUARABIRA- PB  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237p Santos, Wivianny Rodrigues dos.  
Pandora e Medusa [manuscrito] : a desigualdade de gênero e a punição por ser mulher / Wivianny Rodrigues dos Santos. - 2023.  
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Coordenação do Curso de História - CH. "

1. Pandora. 2. Medusa. 3. Mitologia Grega. 4. Desigualdade de gênero. I. Título

21. ed. CDD 100

WIVIANNY RODRIGUES DOS SANTOS

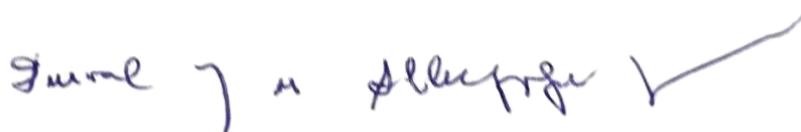
**PANDORA E MEDUSA: A DESIGUALDADE DE GÊNERO E A PUNIÇÃO POR SER MULHER.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

**Área de concentração:** História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

Aprovada em: 29/06/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu marido, pelo companheirismo,  
dedicação e amizade, DEDICO.

“É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre e traga as mulheres à escrita, de onde elas foram tão violentamente distanciadas quanto foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com a mesma finalidade.”

Hélène Cixous, 1975.

## **PANDORA E MEDUSA: A DESIGUALDADE DE GÊNERO E A PUNIÇÃO POR SER MULHER.**

### **PANDORA AND MEDUSA: GENDER INEQUALITY AND PUNISHMENT FOR BEING A WOMAN.**

Wivianny Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo analisar a figura mitológica de Pandora e Medusa, explorando a questão da desigualdade de gênero e a punição associada às mulheres. Através de uma abordagem interdisciplinar que engloba a mitologia grega, a filosofia e os estudos de gênero, examinaremos as narrativas envolvendo Pandora e Medusa, destacando as mensagens culturais e sociais subjacentes a esses mitos. Pandora, conhecida como a primeira mulher criada pelos deuses, carrega consigo uma maldade feita sob medida para punir os homens, enquanto Medusa é castigada com uma transformação monstruosa por ter despertado o desejo de um deus. Por meio de uma análise crítica, investigaremos como esses mitos perpetuam estereótipos de gênero, reforçam a desigualdade e legitimam a punição de mulheres por sua feminilidade. Além disso, examinaremos como essas narrativas mitológicas são refletidas e perpetuadas na sociedade contemporânea. Por meio dessa pesquisa, espera-se contribuir para um maior entendimento das dinâmicas de gênero presentes nas narrativas mitológicas e suas implicações no contexto social e cultural atual.

**Palavras-chave:** Pandora, Medusa, Mitologia grega, Desigualdade de gênero.

\* Graduada em História pela Universidade da Paraíba. Email: [wivi.173@gmail.com](mailto:wivi.173@gmail.com)

## ABSTRACT

This research explores the mythological figures of Pandora and Medusa from Greek mythology, focusing on their significance in understanding gender inequality and the punishment associated with being a woman. Drawing upon feminist theories and gender studies, this study analyzes the narratives of Pandora and Medusa, examining the cultural and social contexts that contribute to the perpetuation of gender disparities. Through an exploration of the mythological symbolism, societal expectations, and the consequences faced by these female figures, this research aims to shed light on the underlying power dynamics and prejudices that continue to impact women in contemporary society. By critically examining the themes of gender inequality and punishment, this study seeks to contribute to the ongoing discourse on gender issues, challenging stereotypical norms and advocating for a more equitable and inclusive society.

**Keywords:** Pandora, Medusa, Greek mythology, Gender inequality.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. COMPREENDENDO AS DIFERENÇAS: SEXO. IDENTIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 A CULTURA EM PERSPECTIVA .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 ARQUETÍPO, ESTEREOTIPOS E EXPECTATIVAS DE GÊNERO.....</b>	<b>13</b>
<b>2.3 O MITO.....</b>	<b>15</b>
<b>3. PANDORA: “O BELO MAL” .....</b>	<b>17</b>
<b>3.2 MEDUSA: PODER FEMINO AMEAÇADOR.....</b>	<b>19</b>
<b>3.3 SIMBOLO DE PODER E MEDO.....</b>	<b>23</b>
<b>3.4 PUNIÇÕES.....</b>	<b>23</b>
<b>3.5 CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>26</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero é um assunto relevante e atual, ao longo da história, mulheres têm sido alvo de punições, restrições e opressões em virtude de sua condição feminina. Nesse contexto, as figuras mitológicas de Pandora e Medusa, pode fornecer uma perspectiva interessante sobre a desigualdade de gênero. A mitologia grega é uma rica fonte de narrativas que retratam a complexidade da condição humana e suas interações com o mundo divino. Dentro desse vasto panteão de deuses, heróis e criaturas, existem figuras femininas que desempenham papéis significativos e simbólicos.

Pandora e Medusa, se destacam como representações icônicas da estigmatização e das punições impostas às mulheres. Através de uma revisão da literatura existente, serão explorados conceitos-chave, como estereótipos, violência de gênero, discriminação e as estruturas sociais que perpetuam a desigualdade. Ao compreender as narrativas de Pandora e Medusa como metáforas de experiências femininas, espera-se contribuir para a reflexão e o debate sobre a desigualdade de gênero, buscando formas de superação e empoderamento das mulheres.

Ao longo deste trabalho, serão analisados os mitos, a história e a realidade, oferecendo uma visão abrangente sobre as questões de gênero e as punições enfrentadas por essas mulheres. Pandora, a primeira mulher na mitologia grega, é frequentemente associada à curiosidade feminina e à abertura da caixa que liberou todos os males no mundo. Por sua vez, Medusa, uma vez uma mulher bela, foi transfigurada em uma criatura monstruosa com serpentes no lugar de cabelos e um olhar petrificante. Essas histórias mitológicas ressoam como metáforas poderosas das experiências enfrentadas pelas mulheres ao longo dos séculos.

Em ambos os casos, as histórias de Pandora e Medusa refletem a percepção negativa das mulheres na mitologia grega e a ideia de que elas são responsáveis por trazer males ao mundo ou despertar o desejo inapropriado dos deuses.

Essa estrutura de poder influencia e molda os papéis sociais de homens e mulheres. O poder concentrado em determinados grupos estabelece as normas, os valores e os comportamentos que são considerados socialmente aceitáveis ou

adequados para cada gênero.

Essas normas muitas vezes reforçam relações hierárquicas, em que um sexo exerce controle sobre o outro, resultando em desigualdades e restrições nas vidas das pessoas. Mas como explicar o significado desse poder? O poder pode ser entendido como a concentração de força em um determinado indivíduo ou grupo socialmente estabelecido. Ele é exercido por meio de relações que são fluidas e sujeitas a mudanças. No entanto, é importante ressaltar que essas relações de poder muitas vezes são desiguais, resultando em uma distribuição assimétrica de recursos, oportunidades e influência. As ideias de Michel Foucault em "A História da Sexualidade" nos fornecem uma perspectiva interessante para analisar o tema da desigualdade de gênero e a punição direcionada às mulheres.

Conforme Foucault: [...]

“Poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis; que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhe são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdades e desequilíbrio que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações”. (FOUCAULT, 1999, p. 89)

Ao longo da história da humanidade, estabeleceu-se uma dinâmica em que os homens assumiram o papel de controladores, enquanto as mulheres foram submetidas ao controle. Essa relação de dominância e submissão persiste até os dias atuais, definindo as funções consideradas adequadas para cada gênero e estabelecendo normas específicas. Essa construção social reforça o empoderamento do sexo masculino e é perpetuada pelas instituições de poder. As doutrinas religiosas, educativas e jurídicas desempenham um papel crucial na afirmação do sentido do masculino e do feminino, que é construído dentro das relações de poder.

Essas instituições têm como função reforçar e legitimar as estruturas de poder existentes, fortalecendo assim as hierarquias de gênero. Essa afirmação

constante do papel masculino e feminino como algo natural e inevitável contribui para a naturalização e aceitação sociocultural dos papéis atribuídos a homens e mulheres no mundo. O conceito de gênero é fundamental nesse contexto, pois é uma forma de dar significado às relações sociais com base nas diferenças percebidas entre os sexos.

A construção dos papéis sociais atribuídos a cada gênero é uma forma de empoderamento utilizada pelos indivíduos que detêm o controle nas relações de poder. Conforme Scott (1990, p. 86) aponta, o gênero é uma maneira fundamental de dar significado às relações de poder. Ao empoderar um dos sexos nessa dinâmica de gênero, o outro acaba sendo excluído dos processos de tomada de decisão dominados pelo grupo empoderado. Quando o homem é empoderado, o poder da mulher é negado e excluído.

Ainda no contexto das relações de gênero, Foucault analisa como o poder patriarcal se manifesta através da regulamentação e controle do corpo feminino. Ele discute como as mulheres são submetidas a mecanismos de vigilância e normalização, restringindo sua sexualidade e autonomia. Isso pode ser observado nas narrativas mitológicas de Pandora e Medusa, em que ambas são punidas e controladas por sua curiosidade e poder feminino. A representação do papel masculino como provedor, protetor, tem sido transmitida ao longo do tempo, de forma natural e contínua. Da mesma maneira, o papel feminino tem sido associado à dependência, fragilidade e submissão.

Nesse sentido, o objetivo principal deste estudo é abordar a desigualdade de gênero e a punição imposta às mulheres, tomando como base as figuras mitológicas de Pandora e Medusa. Assim, o objetivo principal deste trabalho, é investigar como essas figuras mitológicas podem ser interpretadas como representações simbólicas da condição feminina, examinando a relação entre mito e realidade no contexto da desigualdade de gênero. Para tanto, recorreremos a trabalhos como o de Simone Beauvoir, *O Segundo Sexo* (1949), Michel Foucault, *História da Sexualidade* (1976), além de outros autores, e fontes digitais. Assim, a metodologia utilizada para a realização deste trabalho, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida por meio da leitura, e análise do que se produziu e que tivemos acesso sobre a temática em questão.

## **2. COMPREENDENDO AS DIFERENÇAS: SEXO, IDENTIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO**

As diferenciações entre os conceitos de sexo, sexualidade e gênero são essenciais para compreendermos a complexidade da identidade humana. Embora sejam frequentemente associados entre si, cada um deles representa uma dimensão distinta e influencia a forma como as pessoas se percebem e são percebidas na sociedade.

Judith Butler, em sua obra "Problemas de Gênero: Feminismo e a Subversão da Identidade" (1990), aborda as diferenciações entre sexo, sexualidade e gênero, argumentando que essas categorias não são fixas ou naturais, mas sim socialmente construídas e performativas.

O sexo é tradicionalmente definido com base em características biológicas, como órgãos genitais, cromossomos e hormônios. Geralmente, as pessoas são categorizadas como sendo do sexo masculino ou feminino ao nascer, com base em características anatômicas visíveis. No entanto, é importante destacar que a biologia não é estritamente binária, e existem variações como as pessoas intersexuais, ou seja, pessoas que não se encaixam claramente nas definições tradicionais de masculino e feminino.

A sexualidade, por sua vez, refere-se aos padrões de atração emocional, romântica e/ou sexual que uma pessoa pode ter em relação a outras pessoas. A sexualidade abrange uma ampla gama de identidades, incluindo heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade e pansexualidade, entre outras. A orientação sexual é uma parte intrínseca da identidade de cada indivíduo e não deve ser confundida com seu sexo ou gênero.

Por fim, o gênero é um conceito sociocultural que se refere aos papéis, comportamentos, expectativas e identidades que a sociedade atribui a homens e mulheres. Ao contrário do sexo biológico, o gênero é uma construção social e pode variar em diferentes culturas e ao longo do tempo. Tradicionalmente, a sociedade associa características e comportamentos específicos aos gêneros masculino e feminino, mas é importante lembrar que essas são construções sociais e não determinações biológicas.

A identidade de gênero se refere à forma como uma pessoa se identifica

internamente em termos de gênero. Algumas pessoas se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer, identificando-se como cisgênero, enquanto outras podem se identificar como transgênero, não se alinhando com o gênero atribuído. Além disso, existem pessoas que se identificam como não binárias, não se encaixando nas categorias tradicionais de masculino ou feminino.

É importante reconhecer que as diferenciações entre sexo, sexualidade e gênero são complexas e multifacetadas. A compreensão e o respeito por essas diferenças são fundamentais para promover uma sociedade inclusiva e igualitária. Cada indivíduo possui sua própria experiência e vivência desses aspectos, e é fundamental para valorizar a diversidade e garantir a igualdade de direitos para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero, orientação sexual ou características biológicas.

## **2.1 A CULTURA EM PERSPECTIVA.**

A influência cultural desempenha um papel significativo na construção e na compreensão do que seja sexo, sexualidade e gênero. As normas e os valores culturais moldam as percepções e as expectativas em relação a essas questões, influenciando como as pessoas se veem e são vistas na sociedade. Cada cultura tem suas próprias crenças, tradições e conceitos relacionados ao sexo, à sexualidade e ao gênero. Essas crenças são transmitidas através da socialização e da educação, influenciando a forma como os indivíduos se comportam, se identificam e interagem uns com os outros.

Por exemplo, em algumas culturas, pode existir uma ênfase maior na binariedade de gênero, com expectativas rígidas de comportamento associadas a cada gênero. Meninos são socializados a serem assertivos, independentes e emocionalmente contidos, enquanto meninas são encorajadas a serem afetuosas, cuidadoras e submissas. Essas normas culturais moldam as expectativas em relação ao que é considerado "apropriado" para cada gênero.

Além disso, a cultura também pode influenciar a forma como a sexualidade é percebida e vivenciada. Em algumas culturas, a sexualidade pode ser considerada um assunto privado e tabu, com restrições em relação a expressões públicas de

afeto ou a discussões sobre orientação sexual. Em outras culturas, pode haver maior aceitação e inclusão de diversas orientações sexuais. A cultura também tem impacto na forma como as pessoas transgênero são aceitas e tratadas. Em algumas sociedades, pode haver maior compreensão e respeito pelas identidades transgênero, enquanto em outras, essas identidades podem ser estigmatizadas e enfrentar discriminação.

É importante destacar que as normas culturais não são estáticas e estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo. Movimentos sociais, avanços legais e maior conscientização estão desafiando as normas tradicionais e promovendo uma maior inclusão e aceitação de diversas identidades de gênero e orientações sexuais.

A influência cultural, desempenha um papel fundamental na maneira como o sexo, a sexualidade e o gênero são compreendidos e vivenciados. É necessário promover diálogos interculturais e buscar uma maior compreensão e aceitação das diversas formas de expressão de identidade de gênero e sexualidade, garantindo que todos os indivíduos possam ser respeitados e valorizados em suas próprias experiências.

## **2.2 ARQUÉTIPO, ESTEREÓTIPO E EXPECTATIVAS DE GÊNERO**

Arquétipos são padrões universais de pensamentos, símbolos ou comportamentos que fazem parte do inconsciente coletivo da humanidade. Eles representam elementos fundamentais e recorrentes na psique humana, presentes em diferentes culturas ao longo da história. Carl Gustav Jung, renomado psicólogo suíço, foi um dos principais estudiosos dos arquétipos. Em sua obra "O homem e seus símbolos", ele discute a importância dos arquétipos como representações simbólicas dos impulsos e instintos básicos do ser humano, como o arquétipo do herói, do sábio, da mãe, do pai, entre outros. Essas "imagens arquetípicas" possuem um significado intrínseco tão profundo que raramente questionamos sua essência (JUNG, 2000, p. 19).

Por outro lado, estereótipos são generalizações simplificadas e muitas vezes preconceituosas sobre determinados grupos de pessoas. Eles são construções sociais que atribuem características fixas e limitadas a indivíduos com base em suas

características demográficas, como gênero, raça, nacionalidade, orientação sexual, entre outros. Os estereótipos podem reforçar preconceitos e perpetuar desigualdades, além de influenciar as percepções e interações sociais.

Um autor relevante que aborda os estereótipos é Stuart Hall, um teórico cultural e estudioso dos estudos culturais. Em seu livro "A identidade cultural na pós-modernidade", Hall explora como os estereótipos são construídos e disseminados pela mídia e pela sociedade, influenciando as representações e as relações de poder entre grupos sociais.

É importante destacar que os arquétipos são elementos intrínsecos à psique humana, enquanto os estereótipos são construções sociais e culturais que podem ser prejudiciais quando generalizam e limitam as pessoas.

Brown e Turner (2002, p. 68) são dois autores importantes que discutem os estereótipos e seu impacto nas relações sociais. Em seu livro "The Social Psychology of Stereotyping and Group Life", exploram o fenômeno dos estereótipos a partir de uma perspectiva psicossocial, assim, eles argumentam que os estereótipos são formas simplificadas de categorizar e compreender o mundo social complexo ao nosso redor. Eles destacam ainda, que os estereótipos podem surgir de processos cognitivos automáticos e inconscientes, resultando em generalizações imprecisas e muitas vezes preconceituosas sobre grupos de pessoas.

Os estereótipos e as expectativas de gênero persistem na sociedade contemporânea, assim como nos mitos antigos. As mulheres são constantemente pressionadas a se encaixar em papéis e comportamentos tradicionalmente associados à feminilidade, restringindo sua liberdade individual. Espera-se que sejam cuidadoras, submissas e emocionalmente sensíveis, e quando desafiam esses estereótipos, podem enfrentar punições sociais e discriminação.

Um exemplo claro dessa culpabilização ocorre no contexto da violação e da violência sexual. Nas antigas narrativas mitológicas, as mulheres eram frequentemente responsabilizadas por violações ou transgressões, e infelizmente, essa mentalidade ainda está presente na sociedade atual. Vítimas de violência sexual muitas vezes enfrentam questionamentos sobre suas ações e são culpabilizadas pelos incidentes, contribuindo para uma cultura de culpa e silenciamento. Essa abordagem prejudica a luta contra a desigualdade de gênero e dificulta a denúncia e o combate à violência contra as mulheres.

No ambiente de trabalho, a desigualdade de gênero também é evidente. Mulheres enfrentam disparidades salariais, barreiras para ascensão na carreira e são sub-representadas em posições de liderança. Além disso, a maternidade muitas vezes é vista como um obstáculo para o avanço profissional, resultando em penalidades e discriminação para as mulheres que desejam conciliar trabalho e família. Essa falta de igualdade no mercado de trabalho limita as oportunidades e perpetua a subordinação das mulheres. A punição às mulheres também pode se manifestar na forma de violência doméstica e relações abusivas. Com frequência, as mulheres são vítimas de violência física, emocional e sexual por parte de parceiros íntimos. A sociedade muitas vezes falha em responsabilizar os agressores, colocando a culpa nas mulheres, justificando o comportamento abusivo ou minimizando suas experiências. Essa falta de apoio e proteção adequados às vítimas perpetua um ciclo de abuso e impede o progresso em direção à igualdade de gênero. Além dos desafios no mundo físico, as mulheres também enfrentam exclusão e assédio online.

No ambiente digital, o assédio direcionado às mulheres é uma forma de punição e controle, especialmente quando se destacam em áreas dominadas por homens, como jogos online, política ou ativismo. O discurso de ódio, as ameaças e o abuso verbal são frequentes, resultando em uma exclusão das mulheres desses espaços virtuais. Essa forma de violência online pode ter sérias consequências psicológicas e emocionais para as mulheres, afetando sua liberdade de expressão e sua participação ativa na esfera pública.

### **3. O MITO**

O mito é um gênero narrativo que faz parte da tradição oral e se baseia em histórias fantásticas, muitas vezes envolvendo deuses, heróis e criaturas sobrenaturais. Os mitos são uma forma de expressão simbólica que busca explicar fenômenos naturais, origens do mundo, questões existenciais e morais, além de transmitir valores culturais e sociais de uma determinada comunidade. Para os antigos gregos, conhecidos como helenos, os mitos eram de extrema importância e permeavam todas as esferas da vida. Os mitos forneciam uma base para a

compreensão do mundo e da existência humana.

[...] o mito nos oferece, sempre aludida, a plenitude e o sentido, de modo que toda atividade humana, até os menores gestos, aparecem carregados de significação e ligados a algo enormemente importante que se apresenta atrás de cada realidade. (CENCILLO, 1970, p. 449)

Pierre Grimal, em seu livro "Dicionário de Mitologia Grega e Romana", ressalta a importância do mito para os helenos, ou seja, para os antigos gregos. Para os gregos, o mito não era apenas uma narrativa fantasiosa ou uma mera expressão artística, mas sim uma parte fundamental de sua compreensão do mundo e de sua própria identidade. Os mitos gregos eram um elemento central na educação, na transmissão de valores éticos e morais, bem como na formação da identidade e coesão da comunidade. Eles eram contados e recontados nas festividades, rituais, peças de teatro, poesia épica e nas artes visuais, tornando-se parte integrante da cultura helênica.

Grimal ainda argumenta que o mito desempenhava um papel central na religião, na cultura e na sociedade gregas. Ele afirma que os mitos gregos eram considerados relatos verídicos dos acontecimentos passados, transmitidos oralmente de geração em geração. Eles forneciam explicações sobre a origem do mundo, dos deuses, dos seres humanos e da natureza, bem como sobre os valores, os costumes e as normas da sociedade grega. Além disso, Grimal destaca que os mitos gregos eram uma fonte de inspiração e ensinamentos morais. Eles apresentavam exemplos de virtudes a serem seguidas e de comportamentos a serem evitados. Os heróis e deuses mitológicos serviam como modelos de conduta e como referências culturais para os gregos, moldando sua visão de mundo e suas aspirações.

Eles personificavam os ideais e as qualidades admiráveis que os helenos aspiravam alcançar. Ao conhecer e se identificar com esses personagens mitológicos, os indivíduos se conectavam com sua ancestralidade, sua história e com o sentido de pertencimento à comunidade grega.

Além disso, os mitos também desempenhavam um papel religioso fundamental. Os gregos acreditavam que os deuses interferiam ativamente nos assuntos humanos e, portanto, as histórias mitológicas eram uma maneira de honrar e de se

relacionar com essas divindades. Os rituais e as práticas religiosas estavam intrinsecamente ligados aos mitos, reforçando a importância dessas narrativas na vida cotidiana dos helenos. Inegavelmente os mitos possuem um caráter doutrinário muito forte, sendo utilizados enquanto ferramentas coercitivas e impositivas de temor, o que acaba sendo útil com relação à função social de explicação, organização e compensação.

### **3.1 PANDORA: “O BELO MAL”.**

Os antigos gregos desassociavam completamente a feminilidade da mulher. Na concepção helênica, a essência feminina, personificada na figura de Gaia, precedeu a criação da primeira mulher. Na mitologia grega, Pandora é uma figura de destaque, conhecida como a primeira mulher criada pelos deuses. Sua história está envolta em mistério e significado simbólico. Pandora não nasceu como um ser feminino, mas foi criada como um flagelo para atormentar eternamente os homens. Somente quando esse mal, moldado a partir da terra, estava pronto é que os deuses lhe conferiram atributos femininos: voz humana, força, rosto semelhante ao das deusas, desejo avassalador, espírito dissimulado, palavras sedutoras e mentirosas. Essas são as características com as quais Pandora foi dotada pelas divindades e que Hesíodo narra em "Os Trabalhos e os Dias" (v.60-79).

A partir do nascimento da primeira mulher, os homens foram condenados a trabalhar incessantemente para alimentar esse mal. Diferentemente do homem, Pandora, a primeira mulher, não nasceu espontaneamente, mas foi criada. A confecção da primeira mulher pelos deuses é narrada por Hesíodo no século VII em duas de suas obras, "Teogonia" e "Os Trabalhos e os Dias". Nessas obras, o poeta descreve a criação da mulher e a origem do gênero feminino (pois Pandora é a progenitora das mulheres) e os atributos que caracterizam esse novo ser.

Na "Teogonia", é narrada a gênese das potências imortais e a divisão do lote sacrificial entre deuses e mortais, na qual Zeus foi enganado pelo astuto Prometeu, que acreditava ter ludibriado o senhor do Olimpo. Como punição, Zeus decide criar uma mulher para trazer desgraça aos homens. Pandora é descrita como uma mulher de beleza excepcional, dotada de encantos irresistíveis. Atributos esses, que lhes

foram conferidos pelos deuses, como dito anteriormente. Ela recebeu uma caixa, geralmente chamada de "caixa de Pandora", que em algumas versões diz-se um jarro, e foi instruída a nunca abri-lo sob nenhuma circunstância. No entanto, a curiosidade, atributo esse, dado a mesma pelos deuses, acabou dominando-a, e ela não conseguiu resistir à tentação de abrir. Ao abrir, Pandora liberou uma série de males e desgraças para a humanidade. Dores, doenças, tristezas e todos os males conhecidos foram liberados e espalharam-se pelo mundo. Pandora foi criada como uma punição aos mortais, que a partir de então foram condenados a trabalhar diariamente para sustentar a fome e o desejo desse mal disfarçado de bem. Caso tentassem escapar desse destino divino, os homens enfrentariam uma velhice desamparada, sem filhos para cuidar deles. No entanto, Pandora é diferente de Gaya, que é uma força nutritiva capaz de criar vida. Pandora é portadora de uma maldade concebida especificamente para punir os homens que se alimentam do pão. A capacidade de gerar vida em Pandora só se manifesta quando o homem aceita o castigo dos deuses. Caso o homem rejeite essa punição e se recuse a se casar, ele passará seus dias solitário, sem o apoio dos filhos (Hesíodo, Teogonia, v. 603-605). Assim como Pandora, a sua descendência também não foi vista com bons olhos.

“Dela descende a geração das femininas mulheres. Dela é a funesta geração e grei das mulheres, grande pena que habita entre os homens mortais, parceiras não da penúria cruel, porém do luxo. (Hesíodo, Os trabalhos e os dias, v.590-593)”

A figura de Pandora é frequentemente associada à representação das mulheres como portadoras de desgraça e tentação. Ela personifica estereótipos negativos sobre as mulheres, retratando-as como sedutoras e causadoras de problemas para os homens. Essa representação contribui para a percepção negativa e a desigualdade de gênero que existia na sociedade grega antiga.

A figura de Pandora na mitologia grega pode ser interpretada como uma representação simbólica da punição direcionada às mulheres, com ênfase na noção da curiosidade feminina e sua relação com o controle e a restrição das mulheres na sociedade.

No mito de Pandora, a curiosidade é o elemento-chave que leva à desgraça. Ela é advertida a não abrir a caixa, mas sua natureza curiosa a impulsiona a desobedecer. Essa curiosidade é frequentemente associada à figura feminina,

sendo retratada como uma qualidade negativa que leva ao caos e à tristeza.

Essa interpretação pode ser entendida à luz das normas sociais da época em que o mito foi concebido. Na sociedade grega antiga, as mulheres eram frequentemente consideradas como tendo menos controle sobre seus desejos e impulsos, sendo retratadas como mais emocionais e irracionais do que os homens. A curiosidade feminina, nesse contexto, foi vista como uma fraqueza e uma ameaça ao controle masculino sobre as mulheres.

Além disso, a história de Pandora também pode ser entendida como uma forma de justificar a restrição e a opressão das mulheres na sociedade. Ao atribuir a Pandora a culpa por trazer o mal ao mundo, os mitos perpetuam a noção de que as mulheres são responsáveis pelas desgraças e pelos problemas que afetam os homens. Isso contribui para a criação de estereótipos negativos sobre as mulheres, reforçando sua subjugação e limitando seu poder e liberdade.

Essa interpretação do mito de Pandora reflete a forma como as sociedades antigas frequentemente justificavam a desigualdade de gênero e o controle sobre as mulheres. Ao associar a curiosidade feminina à punição e ao caos, as normas sociais reforçavam a necessidade de controlar e restringir as mulheres para manter a ordem e a estabilidade.

### **3.2 MEDUSA: PODER FEMININO AMEAÇADOR.**

A história de Medusa na mitologia grega é uma narrativa intrigante que enfatiza sua transformação em uma criatura monstruosa e mortal. Na Grécia antiga, uma sociedade politeísta, existia uma ampla variedade de deuses. No panteão dos Deuses, os 12 principais deuses, eram conhecidos como os deuses olímpicos. Entre eles, temos Zeus, o rei dos deuses; Hera, a rainha dos deuses e protetora do casamento; Poseidon, o deus dos mares; Deméter, a deusa da agricultura; Ares, o deus da guerra; Atena, a deusa da sabedoria; Apolo, o deus da luz e das artes; Ártemis, a deusa da caça; Afrodite, a deusa do amor; Hefesto, o deus do fogo e da forja; Hermes, o deus mensageiro; e Dionísio, o deus do vinho e da festa. (COULANGES, 2006).

Os deuses gregos são retratados como divindades poderosas, mas também

com características humanas, tornando-os mais acessíveis e compreensíveis para os mortais. (GRIMAL,1982.) Um exemplo dessas semelhanças pode ser visto na obra de Homero, "Ilíada", onde os deuses são descritos como tendo sentimentos, emoções e personalidades complexas, assim como os humanos. Ares, o deus da guerra, por exemplo, é retratado como impetuoso e sedento por violência, refletindo características humanas de raiva e agressividade.

Outro exemplo é Afrodite, a deusa do amor e da beleza. Ela é frequentemente retratada como sedutora e apaixonada, envolvendo-se em casos amorosos e despertando desejo nos mortais. Essas características refletem as experiências e desejos humanos em relação ao amor e à atração sexual.

Além disso, os deuses do panteão grego também têm suas fraquezas e defeitos. Zeus, o deus supremo, é conhecido por sua infidelidade e impulsividade, muitas vezes agindo de forma egoísta. Essas imperfeições mostram que os deuses não estão acima das falhas humanas e que suas ações podem ser influenciadas por seus próprios desejos e emoções. Em resumo, as semelhanças entre os deuses do panteão grego e os humanos residem nas características emocionais, comportamentais e até mesmo nos defeitos compartilhados. Das doze divindades principais, metade delas eram mulheres, mas apenas duas exerciam proteção sobre atividades não tradicionalmente atribuídas ao gênero feminino: Artemis, a deusa da caça, e Atena, a deusa da sabedoria e estratégia militar. Isso sugere, de certa forma, a superioridade numérica do masculino. Os deuses, por se entregarem aos prazeres humanos, como o sexo, as bebidas e os banquetes, e por buscarem a satisfação desses prazeres através dos humanos, frequentemente estabeleciam relacionamentos amorosos com eles. Quando dois deuses se relacionavam, nascia outro deus, mas como os deuses não se limitavam apenas aos seus pares divinos, o fruto de uma união entre um deus/deusa e um humano/humana era um semideus, que possuía características divinas, embora limitadas, e também humanas.

Era frequente o culto aos deuses, e cada região ou cidade escolhia o deus ao qual dedicaria seu fervor. Os templos dedicados a esses deuses eram cuidados pelas sacerdotisas, que eram selecionadas e consagradas com base em critérios como beleza e virgindade, além da aprovação do deus venerado. Esse foi o caso de Medusa.

Em Hélade, uma das maiores cidades da Grécia segundo a lenda, foi erguido um imponente templo dedicado à deusa Atena, e uma das escolhidas para ser sacerdotisa foi Medusa. De acordo com a lenda, a jovem sacerdotisa era extremamente bela, com uma pele perfeita e longos cabelos sedosos em cachos. Ela despertava a atenção de muitos pretendentes, mas, como sacerdotisa do templo de Atena, tinha o dever de preservar sua virgindade até receber permissão para se casar (NIZ, 2005).

Medusa era uma sacerdotisa devota de Atena, comprometida com seu papel sagrado. Ela resistiu a todas as investidas dos pretendentes que a cortejavam, mantendo-se firme em sua devoção. No entanto, sua determinação não foi capaz de impedir a tragédia que a aguardava. O deus dos mares, Poseidon, ficou obcecado por Medusa e desejava possuí-la a qualquer custo. Mas ela recusou categoricamente seus avanços. Enfurecido e incapaz de aceitar a rejeição, Poseidon invadiu o templo onde Medusa estava sozinha e a violentou. Essa transgressão representava uma grave afronta a qualquer deus grego: profanar seu templo era considerado uma ofensa imperdoável.

O sexo não consensual sempre foi encarado pelos homens, especialmente os considerados dominantes na sociedade, como algo natural e aceitável, e até visto como um direito deles. Portanto, para um deus, era considerado justificável tomar à força o que lhe era negado. Nenhuma mulher tinha o direito de recusar um deus. Poseidon não era apenas um deus qualquer; ele era um dos filhos de Cronos, juntamente com seus irmãos Zeus e Hades, que usurparam o poder de seu pai e dividiram o mundo entre si. Poseidon era o poderoso deus dos mares, o segundo mais influente entre os deuses do Olimpo.

A punição de Medusa é representada por sua transformação em uma criatura cujo olhar pode transformar qualquer pessoa em pedra. Seu rosto outrora belo foi distorcido em uma expressão monstruosa, com presas afiadas e olhos aterrorizantes. Ela se tornou um símbolo do perigo e da morte, sendo evitada e temida por todos. Essa transformação drástica de Medusa pode ser interpretada como uma forma de punição e controle sobre a feminilidade. Sua história reflete a ideia de que as mulheres que transgrediam as normas sociais ou desafiavam a ordem estabelecida eram transformadas em monstros, excluídas e marginalizadas pela sociedade patriarcal. Medusa foi transformada em um ser monstruoso chamado

Górgona. Sua beleza foi transformada em horror e a devoção sacerdotal transformada em fúria mortal (BELLINGHAM, 2002).

Além disso, a representação de Medusa como uma criatura mortal também pode ser vista como uma forma de restringir e controlar a sexualidade feminina. Sua punição por ser vítima de um ato de violência sexual sugere que as mulheres que são desonradas ou sofrem agressões sexuais são culpadas e merecem ser transformadas em monstros. Essa narrativa culpa a vítima em vez de responsabilizar o agressor, perpetuando assim a desigualdade de gênero e a cultura de silenciamento em relação à violência sexual.

A história de Medusa destaca a maneira como as mulheres na mitologia grega eram punidas por desafiar as normas estabelecidas ou por serem vítimas de violência. Essas punições visavam controlar e restringir as mulheres, reforçando a ideia de que sua feminilidade e sexualidade eram ameaçadoras e perigosas. Essa representação mitológica tem raízes profundas na sociedade patriarcal e continua a ressoar em questões contemporâneas relacionadas à desigualdade de gênero e ao tratamento das mulheres vítimas de violência.

Medusa encontrou-se condenada à solidão, sua beleza esvaída e seus pretendentes desaparecidos. Todos os atributos femininos que antes eram desejados foram transformados em deformidades monstruosas. Ela foi sentenciada a viver eternamente no exílio, banida para a ilha mais remota da Grécia. Embora não tenha sido concedida a imortalidade, Atena fez questão de puni-la ao máximo por sua transgressão. A única forma de libertação para essa antiga sacerdotisa do templo era a morte, porém, uma morte que não poderia ser buscada por suas próprias mãos.

Apesar de ter se transformado em uma monstruosidade, Medusa despertou novamente o desejo nos outros. No entanto, não era mais sua beleza ou castidade que os atraía, mas sim um aspecto cruel de seu destino: seu sangue dual, possuidor do poder de matar e curar. A desgraça de Medusa tornou-se conhecida e sua história foi espalhada por toda a Grécia. À medida que sua infelicidade se propagava, o desejo por seu sangue crescia proporcionalmente. Era considerado a arma mais poderosa e desejada por todos. O destino final de Medusa foi ter sua cabeça decapitada por um semideus, Perseu, filho de Zeus. Ele buscava libertar sua mãe, que estava aprisionada por um rei ganancioso e sedento pelo sangue da

Górgona. (KONRAD,2017)

### **3.3 SIMBOLO DE PODER E MEDO**

A figura de Medusa na mitologia grega pode ser interpretada como um poderoso símbolo do medo e da ameaça ao poder patriarcal. Ela representa a autonomia e a força feminina, características que muitas vezes são vistas como ameaçadoras dentro de uma estrutura social dominada pelos homens.

Medusa, com seu olhar petrificante e cabelos de serpentes, personifica uma imagem de poder feminino que desafia as normas tradicionais de submissão e fragilidades associadas às mulheres. Ela é retratada como uma figura monstruosa e temida, capaz de aniquilar qualquer um que ouse enfrentá-la.

Essa representação de Medusa reflete o receio do poder patriarcal em relação à autonomia feminina e à expressão de uma força que não esteja sob seu controle. Na sociedade patriarcal, a força e a independência são muitas vezes consideradas atributos masculinos, enquanto à feminilidade é associada a fragilidade e a dependência. A imagem de Medusa desafia essas expectativas de gênero e ameaça a ordem estabelecida.

Ao transformar Medusa em um monstro e retratá-la como uma figura temida, a narrativa mitológica busca controlar e restringir o poder feminino. Ela representa a punição imposta às mulheres que desafiam as normas patriarcais e que se atrevem a assumir posições de liderança, autonomia e assertividade.

### **3.4 AS PUNIÇÕES:**

O tipo de punição imposto a essas personagens é motivada pela crença de que as mulheres são agentes de corrupção e fontes de tentação para os homens. A caixa que Pandora recebeu de presente continha todos os males e desgraças do mundo, e sua curiosidade levou-a a abri-la, liberando assim essas forças destrutivas sobre a humanidade. Essa narrativa reforça a visão misógina de que as mulheres são responsáveis por trazer o sofrimento e a desgraça ao mundo. A punição de Pandora é uma representação da ideia patriarcal de que as mulheres devem ser

controladas e submetidas à vontade masculina. Ao retratá-la como desobediente e curiosa, a mitologia grega reforça a noção de que as mulheres devem ser culpabilizadas por suas ações e, por extensão, pelos males do mundo. Essa punição serve como um aviso para as mulheres sobre as consequências de sua independência e curiosidade.

A punição de Medusa na mitologia grega está ligada ao mito de sua transformação em uma criatura monstruosa com serpentes em vez de cabelos e um olhar petrificante. A versão mais conhecida do mito conta que Medusa foi transformada por Atena como resultado da fúria da Deusa, com essa profanação de seu espaço sagrado, onde ela puniu Medusa em vez de responsabilizar Poseidon, desviando assim a culpa da transgressão para a mulher. Essa punição específica de Medusa é uma expressão da visão patriarcal que associa a sexualidade feminina ao perigo e à corrupção.

Hélène Cixous, renomada filósofa e teórica feminista, oferece uma perspectiva interessante sobre o mito de Medusa e a punição associada à feminilidade. Em seu trabalho "The Laugh of the Medusa" (O Riso da Medusa), Cixous argumenta que a figura de Medusa é uma representação simbólica da mulher oprimida e reprimida pela sociedade patriarcal.

A transformação de Medusa em uma criatura monstruosa é uma forma de desumanizá-la e torná-la uma figura ameaçadora para os homens. Isso reflete a noção de que as mulheres que exercem sua sexualidade de maneira independente e desafiadora devem ser punidas e marginalizadas. A punição de Medusa também está enraizada na ideia de que as mulheres com poder e autoconfiança representam uma ameaça ao domínio masculino. Conforme (CIXOUS,1975), sugere que o olhar petrificante de Medusa é uma metáfora para a maneira como as mulheres são silenciadas e controladas em uma sociedade patriarcal. Atena, como uma deusa representando a sabedoria e a razão, punindo Medusa por ter sido vítima de um ato de violência sexual, reflete a misoginia enraizada na sociedade grega antiga. A punição de Medusa serve para perpetuar a ideia de que as mulheres que desafiam as normas estabelecidas e exercem poder devem ser transformadas em figuras monstruosas, desumanizadas e controladas.

Essas punições sofridas por Pandora e Medusa são exemplos dessa desigualdade presentes nas narrativas mitológicas gregas. Elas refletem as normas

sociais e as estruturas de poder da época, que valorizavam e protegiam o poder e a autoridade masculina, enquanto desvalorizavam e puniam as mulheres que desafiavam essas normas. Essas histórias perpetuam estereótipos e preconceitos prejudiciais sobre as mulheres, contribuindo para a manutenção das desigualdades de gênero ao longo da história.

Ao analisarmos essas histórias em comparação com seus equivalentes masculinos na mitologia grega, podemos observar claramente a disparidade de tratamento. Enquanto Pandora e Medusa são punidas de forma severa e desumanizadas, muitos heróis masculinos na mitologia grega enfrentam desafios e punições, mas ainda são retratados como seres humanos com virtudes e capacidades heroicas.

Por exemplo, Prometeu desafiou os deuses roubando o fogo para os mortais, mas é visto como um herói que trouxe benefícios aos seres humanos, apesar de ser punido. Herácles cometeu atos violentos e enfrentou desafios, mas é celebrado por suas façanhas heroicas. Esses exemplos destacam como os homens são retratados de maneira mais complexa e positiva, mesmo quando desobedecem aos deuses ou enfrentam punições.

Essas diferenças na forma como Pandora, Medusa e seus equivalentes masculinos são tratados na mitologia grega refletem as desigualdades de gênero arraigadas na sociedade em que essas histórias foram criadas. As narrativas mitológicas perpetuam ideias irrealistas e prejudiciais sobre as mulheres, reforçando a ideia de que elas devem ser controladas, punidas e responsabilizadas por males e transgressões, enquanto os homens são retratados como agentes ativos, capazes de alcançar a glória mesmo em face de desafios e punições.

A punição de Pandora, como exemplo, é uma representação da ideia patriarcal de que as mulheres devem ser controladas e submetidas à vontade masculina. Ao retratá-la como desobediente e curiosa, a mitologia grega reforça a noção de que as mulheres devem ser culpabilizadas por suas ações e, por extensão, pelos males do mundo. Essa punição serve como um aviso para as mulheres sobre as consequências de sua independência e curiosidade.

### 3.5. CONTEMPORANEIDADE:

Os mitos antigos, como os de Pandora e Medusa, refletem crenças e estruturas sociais que perpetuam a desigualdade de gênero. Embora tenhamos avançado em termos de direitos das mulheres e igualdade de gênero ao longo dos séculos, ainda há manifestações contemporâneas da desigualdade de gênero e da punição às mulheres. Essas manifestações podem ocorrer de forma explícita ou sutil, e estão enraizadas em normas sociais, expectativas de gênero e estruturas de poder presentes na sociedade.

De forma explícita, vemos a desigualdade de gênero na disparidade salarial entre homens e mulheres, na sub-representação das mulheres em cargos de liderança e tomada de decisão, na violência de gênero, na objetificação sexual das mulheres e na discriminação no ambiente de trabalho. Essas formas de desigualdade demonstram como as estruturas de poder e os estereótipos de gênero continuam a limitar o acesso das mulheres a oportunidades e recursos, reforçando uma dinâmica de subordinação e punição. Da mesma forma, as mulheres enfrentam diferentes formas de punição e controle no âmbito pessoal e social, muitas vezes manifestadas por meio de estereótipos de gênero. Esses estereótipos limitam as opções e as liberdades das mulheres, reforçando expectativas e papéis predefinidos. As mulheres são frequentemente culpabilizadas por violência sexual e assédio, sendo questionadas sobre sua aparência, comportamento ou escolhas de vida. Essa culpabilização das vítimas reforça a ideia de que as mulheres são responsáveis pela violência que sofrem, em vez de responsabilizar os agressores.

De forma mais sutil, a desigualdade de gênero e a punição às mulheres podem estar presentes em padrões culturais e sociais internalizados. Isso inclui a expectativa de que as mulheres sejam responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidado dos filhos, a pressão para se encaixarem em padrões de beleza irreais, a culpabilização e a desvalorização das mulheres que expressam sua sexualidade de forma independente, entre outros exemplos.

Segundo Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo*, as mulheres são frequentemente objetificadas e reduzidas a seu corpo físico e funções reprodutivas. Ela discute a maneira como as mulheres são tratadas como propriedade dos

homens, sujeitas a restrições e controle em relação à sua sexualidade e liberdade individual. Essa visão se relaciona com a história de Pandora e Medusa, em que as punições direcionadas às mulheres são uma tentativa de controlar e restringir sua autonomia e poder. Esses padrões perpetuam estereótipos prejudiciais e limitam a liberdade e autonomia das mulheres, resultando em punições sociais, emocionais e até mesmo físicas quando elas não se conformam a essas normas.

Além disso, a desigualdade de gênero e a punição às mulheres também podem ser observadas nas estruturas de poder institucionais e políticas, onde as vozes e perspectivas das mulheres são muitas vezes marginalizadas e silenciadas.

A sub-representação das mulheres em espaços de poder e a falta de políticas e medidas efetivas para combater a discriminação de gênero são exemplos de como a desigualdade persiste em níveis estruturais.

Portanto, as ideias de Simone de Beauvoir sobre a construção social do gênero e a luta por liberdade e igualdade são relevantes para analisar e combater a punição e controle direcionados às mulheres. Ela nos encoraja a questionar as normas de gênero impostas e a buscar uma sociedade em que as mulheres possam ser plenamente autônomas, livres das restrições e desigualdades baseadas em seu gênero.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho, exploramos a desigualdade de gênero e a punição às mulheres, estabelecendo uma conexão entre os mitos antigos, como os de Pandora e Medusa, e as questões de gênero na sociedade atual. Recapitulando os principais pontos abordados, destacamos que essas histórias mitológicas revelam a forma como as mulheres foram retratadas de maneira desigual em comparação com seus equivalentes masculinos, enfrentando punições específicas baseadas em normas sociais e estruturas de poder da época.

Analisamos as diferentes formas de desigualdade de gênero presentes nas histórias de Pandora e Medusa, observando como essas personagens foram tratadas de maneira desigual, perpetuando estereótipos e restrições de gênero. Discutimos também a punição específica que cada uma delas enfrentou e os

motivos por trás dessas punições, refletindo sobre como esses eventos refletem as normas sociais e as estruturas de poder da época. Ao estabelecer uma conexão entre os mitos antigos e a sociedade contemporânea, reconhecemos que a desigualdade de gênero e a punição às mulheres ainda persistem nos dias de hoje. Seja de forma explícita, como na disparidade salarial e na violência de gênero, ou de forma mais sutil, através de padrões culturais e expectativas sociais internalizadas, a desigualdade de gênero continua a limitar as oportunidades e a autonomia das mulheres, reforçando relações de poder desiguais.

É crucial discutir e combater a desigualdade de gênero, pois ela afeta não apenas as mulheres, mas toda a sociedade. A igualdade de gênero é um direito humano fundamental e essencial para alcançar uma sociedade justa e equitativa. Ao promover a igualdade de oportunidades, a eliminação dos estereótipos de gênero e o empoderamento das mulheres, podemos criar um ambiente onde todos tenham a liberdade de desenvolver seu potencial, sem sofrer punições ou restrições baseadas em seu gênero.

Além disso, é importante destacar que a luta contra a desigualdade de gênero não deve ser responsabilidade exclusiva das mulheres. É um trabalho coletivo que requer o envolvimento de todos os membros da sociedade, independentemente do gênero, para desafiar as normas sociais prejudiciais, desconstruir estereótipos e promover a igualdade de direitos e oportunidades.

Portanto, a conexão entre os mitos antigos e as questões de gênero na sociedade atual revela que apesar dos avanços, ainda há muito a ser feito para alcançar a verdadeira igualdade de gênero.

Em conclusão, ao refletirmos sobre a desigualdade de gênero e a punição às mulheres, reconhecemos a importância de abordar essas questões e lutar por uma sociedade mais justa e igualitária. A mudança começa com a conscientização, o diálogo e a ação coletiva em prol da igualdade de gênero. A desconstrução dos estereótipos de gênero, a promoção da igualdade de oportunidades, a ampliação da representatividade feminina em todas as esferas da sociedade e a conscientização contínua sobre as formas sutis de desigualdade são caminhos necessários para superar as punições e injustiças enfrentadas pelas mulheres na atualidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marta Mega de. **A "Cidade das Mulheres": cidadania e alteridade feminina na Atenas clássica.** Rio de Janeiro: LHIA, 2001.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da Identidade.** 1990 ; tradução, Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BELLINGHAM, David. **Introdução à mitologia grega.** Lisboa: Estampa, 2002.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega,** Editora Vozes Ltda. 1987

BROWN, Patricia M.; TURNER, John C. **The role of theories in the formation os stereotype content.** In: MCGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y.; SPEARS, Russell. *Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups.* Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

BROWN, Patricia M; TUNER, John C. (1981). **Preconception: The Nature of Stereotypes and Prejudice.** Wiley.

CENCILLO, L. **Mito: Semántica y realidad. Madrid, 1970.** COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga.* São Paulo: Martin Claret, 2006.

CIXOUS, Hélène. (1975). **O Riso da Medusa.** São Paulo: Edições Graal.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FUNARI, P. P. A., Feitosa, L. C., & Silva, G. J. (Orgs.). (2014). **Amor, Desejo e Poder na Antiguidade: Relações de Gênero e Representações do feminino.** São Paulo: Fap-Unifesp.

FARIA, Keila Maria. **Medéia e Mélissa: Representações do feminino no imaginário ateniense do século V a.c,** Goiânia, 2007

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. **Mito y Razón.** Barcelona: Paidós Ibérica, 1997.

GRIMAL, Pierre. **Mitologia grega.** Porto Alegre: L&PM, 2010.

\_\_\_\_\_. Tragédias. Trad. José Pérez. São Paulo: edições Cultura, 1943.

**HESÍODO. Os trabalhos e os dias.** Trad. Mary de Carvalho Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.

\_\_\_\_\_. Teogonia. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995. **HOMERO. A Odisséia.** Trad. Fernando G. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

HALL, Stuart. (1997). **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices.** Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

HILGERT, Luíza Helena. **O Arcaico do contemporâneo: Medusa e o Mito da mulher.** Revista de Filosofia, 2020. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/347958454\\_O\\_arcaico\\_do\\_contemporaneo\\_Medusa\\_e\\_o\\_Mito\\_da\\_mulher](https://www.researchgate.net/publication/347958454_O_arcaico_do_contemporaneo_Medusa_e_o_Mito_da_mulher) Acesso em: 12 de maio de 2023.

JUNG, C. G. **O inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.** Petrópolis: Vozes, 1942.

KONRAD, Márcia Regina. **Medusa e Questão de Gênero ou a Punição por ser mulher,** Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 7, número 25, fevereiro de 2017.

RODRIGUES, Renata Cardoso Belleboni. **Explicar o inexplicável: interpretando Medusa.** Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95.

SAFFIOTI, H. I. B. **Rearticulando gênero e classe social.** In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) Uma Questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SANTOS, Daniela de Sousa. **Punir a mulher [manuscrito] : uma leitura crítica da representação da Medusa nos textos clássicos** - 2021. Disponível em:

<https://1library.org/document/q2n2dvxe-mulher-leitura-cr%C3%ADtica-representa%C3%A7%C3%A3o-textos-cl%C3%A1ssicos-daniela-catol%C3%A9.html>

Acesso em: 12 de maio 2023.

\_\_\_\_\_. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis: Vozes, 2000.

NIZ, Xavier. Medusa. Minnesota: Capstone press, 2005.

\_\_\_\_\_. **Violência de gênero: lugar da práxis na construção da subjetividade.** Revista Lutas Sociais, nº 2, São Paulo, 1997.